Artigos

A tentativa de explicar o imponderável: o conceito de Carisma nas Ciências Sociais

Alexandre A. Cardoso *
José Geraldo A. B. Poker **

Resumo

O conceito de carisma foi criado por Max Weber para explicar a ocorrência de relações de poder, que dão origem a formas de dominação, mas que não se sustentam nas tradições, no controle dos bens ou em procedimentos burocratizados. Tratam-se daquelas relações nas quais o poder é estabelecido sustentando-se exclusivamente na influência que uma pessoa pode exercer sobre muitas outras, por ser investido de características extra-ordinárias. Desde sua formulação, tal conceito vem sendo apropriado de diferentes formas nas Ciências Sociais, seja como categoria metodológica, ou como instrumento para descrição de fenômenos empíricos. No campo específico da Sociologia, é possível encontrar diferentes operacionalidades para o conceito de carisma, sobretudo na sociologia do cotidiano e na sociologia das organizações. No entanto, por ser amorfo, como o próprio Weber reconheceu, alguns autores o desqualificam em sua condição de servir para explicar fenômenos sociais do mundo concreto.

Palavras-chave

Max Weber. Carisma. Relações de poder. Dominação. Liderança.

AN ATTEMPT TO EXPLAIN THE IMPONDERABLE
The concept of charisma in Social Sciences

Abstract

The concept of charisma was created by Max Weber to explain the power relations which originate the ways of domination but do not sustain themselves in traditions, in properties control or bureaucratized proceeds. In these relations the power is established

* Doutor em Sociologia pela FFLCH – USP. Professor do Depto. de Ciências Sociais da UFMG.
** Doutor em Sociologia pela FFLCH – USP. Professor de Ciência Política do Curso de Direito do UNIVEM-Centro Universitário Eurípides de Marília.

by exclusively sustaining itself on the influence a person can exert on many others due to its extraordinary characteristics. Since its formulation this concept has been used in different ways in Social Sciences, whether as methodological category or means of describing empiric phenomena. In the specific field of Sociology, it is possible to find different uses to the concept of charisma especially in the everyday sociology and in the sociology of organizations. Weber once acknowledged it to be amorphous. However, some authors disqualify him in the function of explaining social phenomena of the real world.

Keywords
Max Weber. Charisma. Power relations. Domination. Leadership.

EL INTENTO DE EXPLICAR EL IMPONDERABLE

El concepto de carisma en las Ciencias Sociales

Resumen
El concepto de carisma fue inventado por Max Weber para aclarar las relaciones de poder que han producido formas de dominación, pero que no se han sostenido en las tradiciones, ni en el control de los bienes ni en procedimientos burocratizados. Se trata, pues, de relaciones en las que el poder se sostiene bajo la influencia que una persona sola puede ejercer sobre muchas otras debido a las características extraordinarias que asume éste mismo poder. Desde su elaboración, se han apropiado del concepto de poder de las más diversas maneras en las Ciencias Sociales, sea como categoría metodológica sea como herramienta para la descripción de fenómenos empiricos. En el campo de la Sociología es posible hallar diferentes usos del concepto de carisma, sobretodo, en la sociología del cotidiano y en la sociología de las organizaciones. Sin embargo, considerado amorfo, como lo reconoce el própio Weber, algunos de los autores lo desprecian cuando se refiere a la explicación de fenómenos sociales del mundo concreto.

Palabras clave
Max Weber. Carisma. Relaciones de poder. Dominación. Liderazgo.

Antes de abordar o assunto convém advertir o leitor sobre os objetivos desse artigo. Trata-se da pretensão pura e simples de oferecer um guia rápido, que auxilie o iniciante no estudo das Ciências Sociais a introduzir-se no complicado meio da teoria de Max Weber, notadamente no que diz respeito ao estudo do conceito de *carisma*. Dessa forma, justifica-se o fato desse texto oferecer apenas uma visão panorâmica sobre o referido conceito, não tocando em alguns aspectos, ou não aprofundando outros.

Como se sabe, a utilização sociológica da noção de carisma foi iniciada por M. WEBER, que tomou o termo emprestado indiretamente da tradição cristã, que significa *graça divina* e está associado a ritos sacramentais, como a *eucaristia* (SELIGMAN, 1991, p.593). Mais diretamente, num sentido muito próximo ao seu, porém mais limitado, Weber tomou-o de R. Sohm, conforme reconhece textualmente em *Economia e Sociedade* (*E&S*, p.848) (WEBER, 1984). No texto weberiano o termo é encontrado tanto na forma de construção típico-ideal, tal como aparece particularmente em *E&S*, quanto na forma aplicada, como recurso teórico-metodológico de interpretações substantivas, embora não exclusivamente, como aparece nos *Ensaios Sobre Sociologia da Religião (ESSR)* (ALMARAZ; CARABANÃ, 1983) e outros ensaios.

Uma primeira consideração a se fazer decorre exatamente dessas duas alocações do conceito de carisma na obra weberiana. A forma fragmentada com que essa obra se difundiu, aliada a uma certa confusão editorial de avaliação dos originais,[1] além de uma inextrincável complexidade interior, contribuíram para alimentar a controvérsia sobre o seus significados mais profundos. De um lado, a construção dos conceitos típico-ideais empreendida sistematicamente por Weber em *E&S*, foi interpretada como constitutiva do próprio *objeto* almejado por ele; ou seja, a unidade temática da obra weberiana constituiria o intento, necessariamente parcial e provisório, como ele próprio argumenta no ensaio sobre objetividade nas ciências sociais (*OCCPS*),[2] de construção da sociologia compreensiva em seus fundamentos, sendo, então, as análises de questões culturais específicas, isto é, a própria teoria substantiva na obra weberiana, vista como diversa e desconexa, tributária da linha de investigação mestra, essencialmente metodológica. A tradição sociológica americana, tanto na sua vertente *funcionalista*, quanto *interacionista*, incorporou amplamente tal perspectiva em sua leitura de Weber. É assim que as sistematizações teóricas de Parsons (1951) podem ser vistas, como ele mesmo sugere (PARSONS, 1984), como uma ampliação e refinamento de *E&S*, e é assim que se compreende a afirmação de Udi (1959), para quem Weber seria "um misto de sociólogo e historiador idealista transcendental" (UDI, 1959), no qual o que interessa aos sociólogos é, naturalmente, a parte *sociológica*. De outro lado, desde Bendix (1986), para quem a obra de Weber procuraria, fundamentalmente, responder à questão sobre a gênese da cultura racional no ocidente, tem-se retomado a idéia de uma teoria substantiva conformando aquela obra. Nesse sentido a reconsideração recente dos *ESSR* teve um pa-

pel *fertilizante* na discussão, como nos casos de Tenbruck (1980), Schluchter (1985) e Moya (s.d.).

Resulta dessas inferências que o conceito de carisma, como de resto qualquer outro conceito weberiano, adquire conotações bem distintas, se o vinculamos a uma ou outra dessas duas tradições interpretativas. Contudo, por nos parecer que a Weber não preocupavam as implicações problemáticas de seu duplo projeto metodológico e teórico, nossa abordagem do conceito de carisma na obra weberiana não distinguirá, caso a caso, o ponto de vista – se metodológico ou teórico – sob o qual ele será considerado. Do nosso ponto de vista, Weber não via nenhum problema epistemológico insolúvel na conciliação entre a *busca do sentido da história universal* e o trabalho empírico do cientista; ao contrário, postulava que a história é *empiria* do ponto de vista do sociólogo, assim como a sociologia é *teoria* para o historiador.[3]

Outra questão que se pode adscrever ao conceito de carisma é a articulação entre os níveis macro e micro-analíticos na obra weberiana. Parece-nos que Weber visou unicamente os macroprocessos, dos quais *o sentido da história universal,* na expressão de Tenbruck (1980), ou a *sociologia do racionalismo em seu desenvolvimento religioso*, nas palavras do próprio Weber, são exemplares e utilizou fartamente, a par de sua erudição histórica, os microprocessos como ilustrações empíricas e explorações metodológicas dos conceitos.[4] No caso do conceito de carisma, quando Weber se refere às qualidades extraordinárias de uma personalidade; as personalidades concretamente consideradas por ele são, do ponto de vista atual da microanálise sociológica, *grandes personalidades,* mesmo quando ele explicitamente diz o contrário, como quando procura exemplificar *pequenos carismas:* "um *processo* em Bizâncio, um *chamã*, o fundador dos mórmons ou Kurt Eisner".[5] Isso pode ser explicado pela própria alocação, por Weber, do conceito de carisma e toda sua discussão na esfera de *dominação* das relações sociais, como dominação carismática, por serem relações mais apropriadas ao tipo de interpretação visada por ele, embora a alocação *natural* do conceito fosse a esfera do *poder*. Assim, Weber (1984, p.197) fala da "busca ascética do carisma dos estados extáticos, visionários, histéricos e demais estados extraordinários que se valorizam como sagrados" para explicar certos elementos do processo de constituição das religiões glorificadoras do sofrimento; fala também da influência extracomunal de feiticeiros e magos, procurados para curas individuais, na constituição de religiões de redenção. Essas expressões empíricas

do conceito, que, naturalmente, também contribuem para seu desvelamento teórico, estão articuladas à explicitação do macro-processo de manifestação da *razão* na história em sua face religiosa.

Sintetizando esse ponto, diríamos que na construção típica-ideal weberiana, carisma se refere a um caso de relação social de poder, ou seja, constitui um amplo espectro de fenômenos sociais identificáveis no interior de um espectro ainda maior, que constituiria as relações de poder. Esse último é considerado um conceito sociologicamente amorfo por Weber (1984, p.43) pois "todas as qualidades imagináveis de um homem e toda sorte de constelações possíveis podem colocar alguém na posição de impor sua vontade numa situação dada". Daí a necessidade de um conceito mais *preciso,* como o de dominação, que permitisse estabelecer novas distinções no universo amorfo – na verdade, polimorfo – das relações de poder, quer se tome a perspectiva de um enriquecimento teórico auto-impulsionado, como propõe a interpretação assim chamada *neopositivista* de Weber, quer se tome a perspectiva da busca de resposta para um *problema histórico*, qualquer que seja ele.

Dominação carismática se refere, pois, a uma redução dos fenômenos implicados no conceito de carisma, cujo *locus* são as relações de poder, operada através do conceito de dominação:

> O carisma é um fenômeno típico dos começos de dominações religiosas (proféticas) ou políticas (de conquista) que, sem dúvida cede às forças do cotidiano tão logo se assegure a dominação e, sobretudo, quando essa toma um caráter de *massas* (WEBER, 1984, p. 202).

Por ter sido desenvolvido na esfera da dominação, o conceito weberiano de carisma pode traduzir-se em certas (senão todas) *posições* sociais de poder e nas atitudes típicas dos atores envolvidos, tendo em seu entorno a vida comunal/societal em suas esferas de ordenação própria. "Profetas, feiticeiros, *juízes, chefes de caça,* caudilhos (são) enviados do deus, seja como exemplar, como chefe, caudilho, guia ou lídera" (WEBER, 1984, p.848). Pelo mesmo motivo, justifica-se no texto weberiano o amplo desenvolvimento do conceito nas formas de rotinização do carisma, objetivação e despersonalização do carisma, transformação anti-autoritária do carisma e disciplina do carisma, que abordaremos adiante. Contudo, o próprio Weber permite-se liberdades no uso da terminologia que, segundo ele, deveria estar a serviço da exposição clara. Rigorosamente falando, todas as vezes que Weber fala em carisma, refere-se às relações de dominação carismáticas; quando fala em objetivação do carisma, refere-se à objetivação das relações de dominação carismática, e as-

sim por diante. Claro deve ser que, uma vez estabelecidas as devidas distinções, o significado visado pelas expressões será sempre aquele explicitamente definido e só poderia ser alterado também explicitamente.

Os elementos definidores do carisma estabelecidos, de acordo com Weber, por sua adequação de sentido histórico e plausibilidade lógica, mas, além disso, de acordo conosco, por sua utilidade em exprimir macroprocessos particularmente *interessantes* (no sentido de interesse cultural), seriam, de um lado, a qualidade excepcional de uma personalidade, magicamente determinada em sua origem e portadora de uma missão e, de outro, a crença de alguém naquelas qualidades, o que implicaria um *dever*. O mero reconhecimento por alguém da qualidade excepcional de outro colocaria o primeiro na condição de atender ao chamado do segundo. O caráter extracotidiano da dominação carismática seria apenas uma conseqüência de sua *novidade*, interferindo com as atitudes e comportamentos habituais das pessoas. A ênfase de Weber em condicionar magicamente o carisma na origem é indicativa de sua preocupação em manter a continuidade semântica do termo em relação ao seu significado religioso tradicional de graça ou dom divino e, desse modo, evitar as confusões resultantes de uma conceituação nova. Para ele a maior clareza deveria prevalecer sobre o rigorismo burocrático nessas questões semânticas afetas à sociologia, como já mencionamos acima. O alcance metafísico implícito da definição, expresso na recorrência à *magia*, pôde ser evitado empiricamente pelo enfoque exclusivo sobre o outro pólo da relação carismática: os dominados. Assim, ter-se-ia um critério *objetivo* para a identificação e consideração sociológica do carisma: bastaria que a pesquisa conseguisse aferir das relações sociais em foco a *crença* de alguém nas qualidades extraordinárias de um outro.

De todo modo, para Weber (1984, p.193), seriam indiferentes à sociologia as qualidades do carisma, enquanto tais. Os pontos de vista ético, estético ou qualquer outro sobre o carisma também o seriam. Provavelmente, Weber procurou, desse modo, evitar as armadilhas do *desmascaramento* do carisma, pois, dada a natureza do fenômeno, por mais que se possa fazê-lo em casos concretos, devem-se reconhecer em cada manifestação as suas fontes últimas irracionais. A despeito de toda manipulação que um líder carismático realize, ele não deixa de cumprir um papel especial no grupo social, não acessível a todos ou a qualquer um, e as qualidades de manipulação podem ser vistas como integrantes das próprias qualidades carismáticas.

Em mais de um sentido importante o carisma é um tipo de poder revolucionário: estabelece-se fora e contra os sistemas de dominação prevalecentes no cotidiano, quebra e refaz sistemas de relações estabelecidas, opera uma metanóia, transforma as pessoas e depois as coisas e organizações. Nesse último sentido, ele opera em sentido contrário ao poder revolucionário da racionalização burocrática.

A partir da situação excepcional, extracotidiana, em que se estabelece a dominação carismática, as pressões internas e externas à relação imediatamente se fazem sentir no sentido de uma institucionalização, ou rotinização. Podemos supor que a grande maioria dessas relações falhem em seu processo de enraizamento institucional. Dentre as relações sobreviventes, os motivos da rotinização do carisma, encontráveis de forma típica na história, são a legitimação das posições de mando e das possibilidades econômicas em benefício do séquito de adeptos, a pressão objetiva de adaptação das ordenações e do *staff* às exigências e condições normais e cotidianas de uma administração e, sobretudo, a adaptação às condições econômicas da vida cotidiana. A cobertura dos custos com o saque de guerra, contribuições, donativos e hospitalidade, como no carisma genuíno, não podem constituir fundamentos de uma administração permanente do cotidiano.

A objetivação (reificação) do carisma, como parte do processo de institucionalização, "o transforma de dom pessoal em recurso transferível, adquirível, apreensível" (WEBER, 1984, p.869). A transmissão hereditária seguida da legitimação carismática do cargo e, finalmente, da educação sistemática, constituíram no curso da história universal as formas predominantes de institucionalização de relações de dominação carismática originais.

Outro fenômeno correlato às relações de dominação e constituinte de processos sociais importantes, a disciplina, como instrumento e *objeto* (*objetividade*) de qualquer poder, historicamente desenvolveu-se em torno do carisma na guerra e nos mosteiros. Apesar de, em termos das suas conseqüências últimas, a atitude subjetiva do *disciplinado* se opor ao carisma, como uma *dignidade autônoma*, historicamente, os dois processos sempre se entrecruzaram. No caso da disciplina militar, Weber percorre a história da utilização das armas – lança, espada, arco – sua disciplinação, a introdução da cavalaria e da maquinaria de guerra e conclui, contrariamente ao que uma perspectiva ingenuamente *materialista* da história indicaria, que a pólvora, como significativo avanço das forças produtivas – no caso, destrutivas – só foi decisiva enquanto recurso de um aparato mili-

tar já desenvolvido na disciplina. Em todo caso, a disciplina especificamente moderna se teria desenvolvido de um modo peculiar na moderna empresa econômica, na qual descansa em bases inteiramente racionais.

A transformação anti-autoritária do carisma é outro elemento da ampla caracterização buscada por Weber, procurando incorporar ao conceito suas feições mais caracteristicamente modernas. Tal transformação ocorre quando o reconhecimento dos dominados é reinterpretado em legitimação, que deixa de ser meritória do líder para ser *graça dos dominados*. A *eleição* passa a ser um critério legitimador, por excelência. Nesses casos, que constituem as formas típicas da dominação política nas sociedades modernas, as designações pelo *staff* ou predecessores passa a ser concebida como pré-eleição, ou *proposta eleitoral*, legitimada, em última instância, pela eleição.

Os *insights* de Weber (1984, p.889) sobre a dominação carismática em nosso tempo são sugestivamente ambíguos. De um lado,

> [...] com a racionalização da satisfação das necessidades políticas e econômicas, tem lugar inevitavelmente, como fenômeno universal, a disseminação da disciplina e isso reduz, com freqüência, a importância do carisma e do agir humano individualmente diferenciado.

Por outro lado,

> [...] ainda que o carisma, enquanto poder criador, enfraquece à medida em que o domínio se solidifica em formas permanentes e só manifeste sua atividade durante eleições e ocasiões análogas, mediante imprevisíveis emoções das massas, o fato é que segue sendo, ainda que consideravelmente transformado, um elemento sumamente importante da estrutura social (WEBER, 1984, p.879-80).

O carisma na sociologia contemporânea

Guardando alguma correspondência com nossa proposição de que o conceito de carisma foi tratado por Weber no plano das relações de dominação, com vistas em macro-processos, e não de poder, Greenfeld (1978), seguindo indicações de Shils (1975), propõe a distinção de dois fenômenos no conceito de carisma. Um seria o *carisma genuíno*, que é a qualidade excepcional de uma personalidade para gerar e expressar intensa excitação e o outro o *carisma rotinizado e transformado*, relacionado com os valores últimos da vida social e com a legitimação de posições de mando. Para a autora o primeiro se situa no limite, ou talvez fora, do que Weber considera uma ação com sentido, uma vez que não é subjetivamente simbolizada, e tem sido pouco explorado. As ações de multidão seriam exemplares desse fenômeno. Ali se observa a ação de alguns indivíduos anormalmente excitados produzindo comportamentos de *imitação automática* em outros. Por suas características, a ação da multidão só dura o tempo em que a excitação é mantida, e tampouco atinge a todos do mesmo modo, não se constituindo em dominação carismática, que é uma ação simbolizada, relacionada a valores. Contudo, a despeito das naturezas contrastantes dos dois carismas (um é não-simbólico e o outro é fundado simbolicamente; um se instala pela destruição das fontes de legitimação do outro), ambos derivam da mesma necessidade humana de *ordem*. Tal necessidade é atualmente atendida nas sociedades racionalizadas por meios cognitivos simbólicos e são menores as possibilidades de desenvolvimento da dominação carismática, mas ela não está excluída.

> O reconhecimento de ordens normativas alternativas e valores últimos alternativos, especialmente quando vistos sob a ótica relativista de legitimação, pode enfraquecer ou destruir os sistemas de valor inteiramente racionalizados e criar a oportunidade de surgimento de outra força integrativa – o carisma genuíno (GREENFELD, 1978, p.129).

As condições modernas de adesão a movimentos carismáticos estariam dadas pela inexistência ou inadequação de normas e valores para as *massas*; ou seja, pela anomia ou uma de suas formas.

Num sentido diametralmente oposto, Moscovici (s.d., p.129-9) atribui ao carisma o sentido fundamental da inovação social. Para ele, o problema, não apenas de Weber, mas do pensamento alemão da época, "que não teve um Napoleão alemão em quem Hegel pudesse contemplar a alma do mundo", eram exatamente os processos sociais que encontram a resistência das tradições e a quebram; que instauram o inaudito e o imprevisto, e cujo sentido só é percebido muito depois. O problema crucial da sociologia weberiana seria, para Moscovici (s.d.), justamente a inovação, concebida não como resultado de uma evolução, como se pensava no sec.XIX, mas como *criação*, como obra demiúrgica de um indivíduo ou um grupo. Em vez da distinção entre *carisma genuíno e rotinizado*, propõe uma entre *carisma primário: uma espécie de energia – como a libido – insensível às coações da vida cotidiana e difuso em uma coletividade* e *carisma secundário: uma qualidade específica de um indivíduo que atrai os outros e atua sobre eles*. Para Moscovici (s.d.) as críticas à teoria weberiana que denunciam a ausência de análises dos processos históricos que causam as erupções carismáticas na estrutura social são totalmente inadequadas, pois as *inovações*

carismáticas são originalmente a-históricas.

Em face dos problemas que o conceito tem colocado, a discussão recente sobre carisma poderia, talvez, ser estabelecida a partir do seguinte comentário de Wallis (s.d., p.91-2): "se se põe dois ou três sociólogos para discutir carisma haverá confusão entre eles [...] pois carisma é, simultaneamente, um dos mais evocativos e controversos conceitos da sociologia". Para Wallis (s.d.) haveria sérias limitações cognitivas no conceito, geralmente negligenciadas nas interpretações que fazem uso dele, que costumam passar o que deve ser explicado como auto-evidente, pela simples referência ao termo. Wallis (s.d.) pergunta se carisma pode explicar por que algo se torna objeto de uma crença ou por que alguém é seguido. Ele argumenta que não se podendo identificar o carisma até que haja uma crença e seguidores identificáveis, resulta claro que o conceito efetivamente não pode responder àquelas questões (WALLIS, s.d.).

Outra questão seria relativa à possibilidade ou não de se separarem analiticamente as crenças do líder e dos seguidores. "Jesus realmente acreditava-se divino ou foi mais modesto, tendo chegado a nós numa versão exaltada?" (WALLIS, s.d., p.93). Não seria a atribuição de carisma uma estratégia, talvez inconsciente, dos seguidores para se protegerem das limitações humanas do líder? Tais possibilidades remeteriam à questão da existência de líderes carismáticos sem seguidores e do carisma *falso* ou *fraudulento*. As possibilidades atuais de *image-creation*, particularmente incrementadas pelos *mass media* e pela tecnologia do *marketing*, promoveram um recente reaparecimento dessas questões na sociologia (GLASMAN; SWATOS, 1986).

Outra variante dessa temática chama a atenção para os aspectos mais negativos (trágicos e/ou desastrosos em suas conseqüências) do carisma. Lindholm (1990) argumenta que tais aspectos costumam ser negligenciados pelos sociólogos, tanto na pesquisa organizacional, quanto nas análises macroestruturais, aparentemente pela crença *weberiana* de que as burocracias capitalistas racionalizadas e desmistificadas do século XX tornam pouco provável o aparecimento de autocratas que obtêm seu poder das paixões irracionais e preconceitos de seus seguidores, seja em organizações sociais, políticas ou econômicas. Entretanto, o impacto de papéis impessoais e regras desmistificadas sobre os indivíduos submetidos à racionalidade organizacional produziria sentimentos de vazio e *inidentidade*. Nesse estado, estariam susceptíveis a experiências carismáticas

provedoras de *blue print*, de novos sentidos existenciais. Lindholm (1990) analisa particularmente alguns casos em que movimentos carismáticos conduziram a fins trágicos, como os de A. Hitler e o nazismo, Charles Mason e sua *Family* e Jim Jones e o *Peoples' temple*.

Na sociologia política o conceito de carisma tem sido alvo de críticas radicais. Spinrad (1991, p.298), p.ex., afirma que a total eliminação do conceito de carisma das discussões sérias seria salutar, pois sua utilização indiscriminada tendeu quase sempre a ofuscar a complexidade dos arranjos sócio-políticos e a desviar a atenção de variáveis mais cruciais (p.310). Para Spinrad, na análise de macroprocessos políticos, a consideração de significância histórica de determinados indivíduos deve necessariamente sacrificar ou, pelo menos, minimizar outros fatores importantes, tais como: "o papel das organizações políticas, provedoras de papéis para o líder e de símbolos de identificação popular", "os interesses e valores dos participantes da relação carismática, pelos quais tanto organização como determinados indivíduos são racionalmente percebidos como agências para sua realização" e "as atitudes políticas dos participantes, às vezes integradas em uma orientação ideológica, pela qual organização e determinados indivíduos são popularmente percebidos como exemplares".

Uma abordagem inovadora do carisma em vários aspectos tem sido oferecida pela sociologia das organizações, particularmente nos estudos institucionais. Ali, certas conotações do conceito weberiano, como a *inspiração divina do líder* e o sentido de dever dos *chamados*, são descartadas e o próprio termo carisma é preterido, preferindo-se a expressão *líder institucional*. Nessa perspectiva, como em Selznick (1972), liderar constitui um trabalho destinado a realizar necessidades de um grupo em uma determinada situação social. Um líder numa situação pode não sê-lo em outra. No caso, a situação é definida como *organização* e a liderança como autoconsciência dessa organização enquanto instituição. Liderança não equivale a controle, prestígio, autoridade ou tomada de decisões. A atividade do líder pode ou não estar ligada àqueles que ocupam posições de autoridade, assim como pode haver liderança inadequada. Além disso, liderança não é sempre nem igualmente indispensável, tornando-se dispensável quando a institucionalização é eliminada ou controlada (SELZNICK, 1972, p.15-8). As funções básicas dos líderes nos contextos organizacionais seriam a fixação de metas (missão) da instituição, a encarnação institucional dessa definição, a defesa da integridade institucional (ma-

nutenção de valores e identidade distintas) e o apaziguamento de conflitos internos (SELZNICK, 1972, p.51-2).

Em seus desenvolvimentos recentes, a sociologia do cotidiano também tem acrescentado novas dimensões ao conceito de carisma, quando da abordagem de micro-processos sociais. Ali é possível identificar o que poderíamos chamar de *pequeno líder*, que seria, sob vários aspectos qualitativos relevantes, distinto do *grande líder* weberiano. O *pequeno líder* não tem seguidores, nem adeptos, nem discípulos em tempo integral. Tampouco interfere significativamente com os sistemas de dominação mais abrangentes. Sociologicamente, sua característica mais proeminente refere-se à sua qualidade – por certo, em alguns sentidos, excepcional – de portador de determinados valores relacionados às atividades de pequenos grupos sociais. A *missão* do pequeno líder é mais precisamente uma *empresa pessoal,* não necessariamente econômica, envolvendo custos (econômicos e outros) e a organização de determinadas atividades de um grupo social, às quais procura infundir um valor especial. No limite, essa acepção de carisma pode ser encontrada até na caracterização de microrrelações, como entre uma prostituta e um *cliente* (FREITAS, 1985, p.45).

Desdobramentos

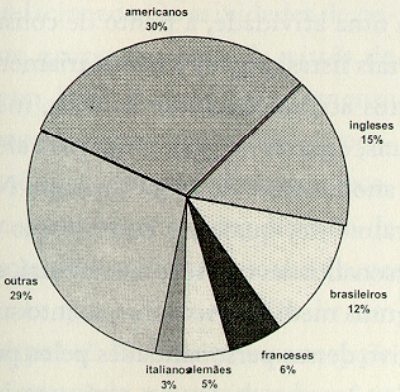
O conceito de carisma em Weber terá conotações mais amplas ou mais restritas se interpretamos a obra weberiana como uma contribuição essencialmente metodológica ou como uma macroteoria substantiva. Em um ou outro caso, resulta claro para nós que o conceito foi explorado por Weber exclusivamente no contexto das relações de dominação, que seriam, do ponto de vista dele, de maior importância estratégica, seja ele para a construção de modelo interpretativo da ação social, seja para responder a alguma questão culturalmente relevante. Da própria conceituação weberiana podemos inferir que as relações reais de poder, que em sua enorme diversidade (*amorfismo*), englobariam as relações de dominação, têm sempre um componente carismático, cujas características se distinguem daquelas definidas no contexto de relações de dominação. Acreditamos que o reconhecimento de tal diversidade não deve constituir um impedimento categórico à conceituação. Em todo caso, a constituição dos campos *pós-weberianos* da sociologia das organizações e do cotidiano, além da crítica da sociologia política, evidenciam particularmente alguns limites da conceituação weberiana.

Se acrescentamos essas novas dimensões ao significado sociológico original de carisma e tentamos explorá-lo empiricamente no *mundo* contemporâneo ao modo weberiano, diríamos que, além dos processos de sua transformação, detalhados por Weber (objetivação, transformação antiautoritária etc), podemos discernir outros, expressos, p.ex., no *show biz,* nas artes, nos esportes, nos negócios (*business*), na ciência e tecnologia, no misticismo e novas religiões contemporâneas. Nesses *mundos* encontramos qualificações carismáticas diferenciadas de indivíduos, mensuráveis, em tese, pelo seu reconhecimento mais ou menos massivo e, correspondentemente, pelo montante de recursos econômicos mobilizados nas atividades que realizam. Nas próprias organizações complexas, radicalmente racionalizadas, os indivíduos sistematicamente não se limitam burocraticamente às suas funções, forçam sua entrada integral nos processos organizacionais e se envolvem em redes de relações informais. Todas essas manifestações do carisma só em um sentido muito restrito poderiam ser chamadas revolucionárias, como na caracterização weberiana, uma vez que se estabelecem e se desenvolvem em *simbiose* com os sistemas de dominação burocráticos, como as grandes organizações, incluindo o Estado e as grandes religiões, e tradicionais, como a família. A ampliação e generalização das relações mercantis parecem ter atingido as mínimas qualidades diferenciadoras dos indivíduos, que passaram a constituir objeto de ampla curiosidade, de desejo, de imitação e, assim, de vultosa comercialização. Um pé particularmente bem formado (de acordo com os valores vigentes), uma capacidade atlética superior, um soco mais forte ou um timbre de voz mais sonoro são traduções contemporâneas das chamadas qualidades excepcionais de certas personalidades, capazes de catalizar corações e mentes em escala planetária.

Uma tentativa de retratar weberianamente (no sentido de macroprocessos) o poder carismático (não a dominação ou os movimentos carismáticos) neste fim de século poderia tomar qualquer enciclopédia, ou lista abrangente de personalidades para obter um quadro aproximado. A suposição básica é que qualquer indivíduo que alcance notoriedade pelo desempenho em uma atividade, a ponto de constar de tais listas, possuirá necessariamente certos atributos extraordinários, incomuns, capazes de projetá-los para além do anonimato e do esquecimento. Naturalmente, qualquer enumeração de personalidades que se tome refletirá, em alguma medida, o reconhecimento subjetivo dessas personalidades pelos próprios autores da lista e será, por isso mesmo, um quadro aproximado. Uma dessas listas, *1000 que fizeram o século 20* (1000 QUE FIZERAM..., 1995) po-

derá servir-nos para algumas considerações. Essa obra foi originalmente concebida e organizada pelo jornal *The Times* de Londres e distribuída em fascículos aos seus leitores. Para realizá-la o jornal consultou cerca de 840 especialistas, muitos tão notórios quanto as personalidades que biografaram sumariamente. Essas (1000) biografias constituem, juntamente com fotos e dados pessoais, o conteúdo da obra. Ao reeditá-la no Brasil, a revista *Isto É abrasileirou* a obra, substituindo cerca de 120 personalidades estrangeiras por outras locais, utilizando-se de 47 consultores especialistas.

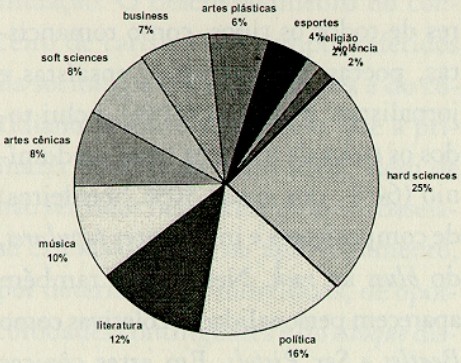
Se tomamos o livro como um banco de dados sobre carisma podemos conceber algumas hipóteses sugestivas. Veja-se, inicialmente a composição por nacionalidades (gráfico 1)



Percebe-se na composição das nacionalidades, de um lado, o viés etnocêntrico britânico e, de outro, a potência americana, cujo reconhecimento é um tanto *natural* e mesmo lisonjeiro aos próprios ingleses, dadas as afinidades entre os países. O mesmo não ocorre com os alemães, franceses e italianos, bastante subestimados na composição, se consideramos que o enfoque implicitamente valoriza a *civilização* européia em seu centro dinâmico. Contudo, cerca de 40 das personalidades incluídas entre ingleses e americanos são alemães naturalizados. Deve-se, pois, considerar que a lista reflete um ponto de vista inglês com pretensões universalistas sobre as personalidades mais importantes do mundo e do século, inclusive o reconhecimento da potência americana e algum ressentimento com os alemães. De todo modo pode-se imaginar que qualquer lista produzida a partir de qualquer composição étnica ou nacional de autores apresentaria vieses de algum tipo, mas nem por isso deixaria de revelar as formas gerais do poder carismático sobre um determinado grupo social. Como dissemos, a considerável presença de brasileiros no gráfico deve ser tributada à reedição brasileira, que acrescentou 116 personalidades locais à lista. Na edição inglesa havia apenas 7 brasileiros: o indefectível Pelé, o intempestivo Carlos Marighella – em sua nota biográfica, preparada por James Adams, correspondente de guerra do *The Sunday Times,* encontramos o motivo desta presença: o *Mini manual da guerrilha urbana,* de autoria de Marighella, teria sido adotado por organizações terroristas como o IRA, na Irlanda, pelo Baader-Meinhof, na Alemanha, e pelas Brigadas Vermelhas, na Itália, além de ter também ajudado aos governos no combate ao terrorismo – os irmãos Villas-Boas, Chico Mendes, Burle-Marx e Leonardo Boff. Vê-se claramente que são aqueles raros casos de brasileiros que se tornaram notícia relativamente recente na *mídia* internacional.

Classificados por sexo, as 1000 personalidades são predominantemente masculinas: 90,7%. Isto não deixa de ser uma clara evidência do mal-afamado machismo, *lato sensu*, que parece persistir fortemente na organização social e nos valores deste fim de século. Contudo, não deixam de ser significativos os 9,3% de mulheres. Se comparamos essa presença feminina com aquela observada em atividades com forte presença masculina, como o xadrez, em que os homens perfazem 99% dos jogadores, veremos que as mulheres têm uma participação 9 vezes maior no conjunto.

Com base nas informações biográficas podemos sugerir uma classificação por campos de atividade e reconhecimento público dessas 1000 personalidades. Essa classificação não considera o valor ético, estético, utilitário ou qualquer outro que permita distinguir dentro de um campo que denominamos genericamente Artes Plásticas, por ex., um cozinheiro famoso como Fernand Point de um cartunista como Charles Addams, da família Addams, ou de um publicitário como Rosser Reeves, do creme dental Colgate, que *refresca o hálito enquanto limpa os dentes*, ou um pintor como Matisse. Interessa-nos, sobretudo, considerar que o destaque que essas pessoas obtiveram constitui um critério sociológico suficiente de atribuição de carisma, e assim procurar as características agregadas do fenômeno. O gráfico abaixo mostra uma possível distribuição do carisma quanto ao tipo de atividade e de projeção social das *1000 personalidades do século:*



A categoria *Hard sciences* inclui pesquisadores em diversas áreas das ciências exatas e biológicas, geógrafos, exploradores, assim como *tecnólogos*, tais

como médicos, engenheiros e inventores. O alto índice de 25% desse campo de atividades talvez exprima de um modo elementar a idéia weberiana do "carisma da razão" (WEBER, 1984, p.877), como a última forma do processo de rotinização e transformação do carisma. O campo denominado *soft sciences,* que inclui os cientistas sociais, filósofos, historiadores, além de *tecnólogos sociais*, como educadores e advogados, também poderia ser creditado ao *carisma da razão*, que corresponderia, assim, a 33% do total. O campo da política com 16% (13% brasileiros), que inclui militares, sindicalistas e monarcas, nem por isso deixa de ser um tanto inexpressivo. Isso em contraste com o campo artístico que perfaz 36% do total e permite subdivisões sugestivas. A literatura (12%) inclui escritores de todos os tipos, como romancistas, poetas, dramaturgos, ensaístas e jornalistas. A música (10%) inclui todos os tipos de músicos, com predomínio (60%, dos quais 30% brasileiros) de compositores e intérpretes *populares*, do *blues* ao *rock*. Neste ítem também aparecem personalidades coletivas como *Beatles e Sex Pistols*. Em artes cênicas (8%) foi alocado todo o pessoal de cinema, dança e teatro, incluindo diretores, atores, coreógrafos. Em artes plásticas (6%) incluem-se cozinheiros, paisagistas, cartunistas, fotógrafos, projetistas, publicitários e modistas, além de escultores e pintores. O mundo *business* (7%) corresponde aos empresários *lato sensu*, empresários de *mídia, managers*, industriais e banqueiros. Os esportes (4%) incluem 13 modalidades olímpicas além de pilotos de carros de corrida, fisicultor, alpinista e astronauta. A religião comparece com apenas 2% de representantes (32% brasileiros) e inclui clérigos (3 papas), místicos e teólogos. O campo da violência (2%) inclui guerrilheiros, terroristas, bandidos, espiões e policiais.

A delimitação desses campos, ou *esferas* na terminologia weberiana, que pressupõe critérios de valor, objetivos, e hierarquias próprias a cada um deles, permite vislumbrar o arranjo de valores em que se assentam as sociedades modernas, mesmo com o viés anglo-brasileiro já mencionado. As 1000 personalidades em foco podem ser consideradas sucedâneas, se bem que substancialmente transformadas, dos antigos heróis e magos de outros tempos. Refletem o espectro de valores atribuídos às diversas atividades humanas. Mostram um mundo amplamente legitimado pela fruição artística (arte e espetáculos de massas) e pelas promessas da ciência e da técnica. *Fazer muito dinheiro* e tomar decisões políticas também constituem atividades valorizadas. Além disso, mostram um mundo em

que a violência societal (não estatal) e a religião, contam, relativamente pouco.

Retomando e concluindo a discussão da noção de carisma, não deixa de ser irônico que Weber possa ser responsabilizado um tanto pessoalmente pela ampla divulgação do termo no sec.XX. Esse reconhecimento personalizado é o testemunho de uma dimensão carismática de sua influência intelectual no século, expressa com muita evidência pelo verbete Max Weber (preparado por J. H. Goldthorpe, do Nuffield College) em um livro de ampla divulgação como *1000 que fizeram o século XX*. Depois de Weber, além da farta utilização acadêmica, pode-se dizer que carisma tornou-se uma palavra de uso vulgarizado. Novos significados, decerto difusos e intuitivos lhe foram adscritos. Assim, a par de novos fenômenos que passou a nomear, podemos pensar que o processo de transformação do carisma continuou ocorrendo ao longo do séc.XX de um modo imprevisto pelo próprio Weber, mas perfeitamente consistente com sua definição típico-ideal, que inclui a imprevisibilidade mesma como uma de suas características cruciais.

Pensamos que o conceito de carisma guarda profunda afinidade tanto com a questão do significado cultural da ação individual e da inovação, quanto com a questão da ordem social. Reconhecendo que tal afirmação não esclarece muita coisa, gostaríamos de assumir, junto com Moscovici (s.d., p.134), que comumente trabalhamos com noções semi-obscuras, que só compreendemos a maior parte das noções com o auxílio do "sentido de realidade, que nos permite discernir as idéias que caminham juntas e atingem alguma coisa vital". Se nos permitimos pensar nesse nível de generalidade e de generosidade, diríamos que, virtualmente, qualquer pessoa pode ser *melhor* – em qualquer sentido – que outra em uma dada atividade contextualmente valorizada, com implicações no curso das ações relacionadas àquela atividade. Isso não remete, necessariamente, a um modelo de explicação baseado nas idéias de determinados indivíduos e sua acumulação. O desenvolvimento do conceito de carisma nos campos referidos da sociologia das organizações e do cotidiano permite estabelecer que a primazia de uma ou outra idéia, além de não ter valor heurístico próprio, baseia-se essencialmente no aproveitamento, por determinados indivíduos, de oportunidades contingentes e do *estoque* disponível de experiências relacionáveis àquela idéia. A tentativa exclusiva e detetivesca de descoberta desses indivíduos e de suas contribuições originais não significa o mesmo que o reconhecimento, na compreensão de processos

sociais concretos, da ação decisiva que uns e outros possam ter justamente porque encarnam possibilidades de reafirmação de valores últimos, provedores da ordem social.

Notas

[1]Pensamos especiamente em Tenbruck (1980), que construiu a hipótese de que a consideração errônea pela qual *E&S* seria a última e principal obra de M.Weber, foi a origem de uma grande – e em certa medida, falsa – controvérsia na sociologia.

[2]Citamos aqui a versão portuguesa de Babo (1979, p.47). Neste ensaio Weber diz explicitamente que "logo que tentamos tomar consciência do modo como se nos apresenta a vida, verificamos que se nos manifesta 'dentro' e 'fora' de nós, sob uma quase infinita diversidade de acontecimentos sucessivos e simultâneos, que aparecem e desaparecem. E a absoluta infinidade subsiste, e não menos intensamente, mesmo quando prestamos a nossa atenção, isoladamente, a um único objeto".

[3]*E&S*, (WEBER, 1984) p.16-17: "A sociologia constrói conceitos típicos-ideais [...] e procura estabelecer regras gerais dos processos empíricos [...] em contraposição com a história que se esforça por alcançar a análise e imputações causais das personalidades, estruturas e ações *individuais* consideradas *culturalmente* importantes. A construção conceitual da sociologia encontra seu material paradigmático muito essencialmente, embora não de modo exclusivo, nas realidades das ações consideradas importantes do ponto de vista da história." De sua parte, o historiador não procederia de forma distinta do sociólogo, ou seja, "aplicando construções racionais típicas-ideais [...] na imputação causal concreta que faz de determinados acontecimentos."

[4]Veja-se, p.ex., a ampla exploração sociológica do jogo de *skat* (jogo de cartas entre três pessoas, típico na Alemanha) que Weber (1992) empreende no ensaio sobre "Stammler e a 'Superação' da Concepção Materialista de História".

[5]*E&S*, (WEBER, 1984) p.193-4. A título precário, poderíamos definir os macro-processos sociais como aqueles que, em seu desenvolvimento histórico, têm amplas conseqüências, tanto do ponto de vista dos sentidos de determinadas ações futuras, quanto do número de indivíduos envolvidos (.MOUSELIS, 1991, p.92). Nesses dois sentidos os exemplos de Weber estão claramente orientados para macroprocessos.

Referências bibliográficas

ALMARAZ, J.; CARABAÑA, J. *Ensayos sobre Sociología de la Religião*. Madrid: Taurus Ediciones, 1983. 3v.

BABO, C. G. A Objectividade do Conhecimento nas Ciências Sociais e humanas. In: *Sobre a teoria das ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.

BENDIX, R. *Max Weber:* um perfil intelectual. Tradução de E. Hanna e J. Viegas Filho. Brasília: Ed.Universidade de Brasília, 1986.

FREITAS, R. S. *Bordel Bordeis:* Negociando Identidades. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

GLASMAN, R. M. e SWATOS Jr., W. H. (Org.). *Charisma, History, and Social Structure*. N.York: Greenwood Press, 1986.

GREENFELD, L. Reflections on Two Charismas. *The British Journal of Sociology*, v.36, n.1, 1978.

JOHNS, R. Charismatic Leaders: a Lesson Plan. *Social Educations*, v.47, n.6, s.d

LINDHOLM, C. *Charisma*, Cambridge-MA: Basil Blackwell, 1991.

MOSCOVICI, S. *La Machine à Faire des Dieux*. Paris: A. Fayard, s.d.

MOUSELIS, N. Social Hierarchies and some Sociological Theories of Micro-macro Integration. In: _____. *Back to Sociological theory*. N.York: Saint Martin's Press, 1991.

MOYA, C. Max Weber e a Vocação Atual da Sociologia. In: *Imagem Crítica da Sociologia*. São Paulo: Cultrix, s.d.

PARSONS, T. A. Formação de um Sistema Social. *Humanidades*, v.6, n.2, 1984.

_____.; SHILS, E. *Toward a General Theory of Action*. Cambridge-Mass.: Harvard University Press, 1951.

SCHLUCHTER, W. *The Rise of Western Rationalism*. Tradução do alemão para o inglês por G.Roth. Bekerley: University of California Press, 1985.

SELIGMAN, A. B. The Representation of Society and the Privatization of Charisma. *Praxis Int*. n.13, s.d..

_____. Charisma and the Transformation of Grace in Early Modern Era. *Social Research*, v.58, n.3, 1991.

SELZNICK, P. *A Liderança na Administração:* Uma Interpretação Sociológica. Tradução Arthur P. Oliveira. Rio de Janeiro: FGV, 1972.

SHILS, E. *Center and periphery:* Essays in Macrosociology. Chicago: The Universtity of Chicago Press, 1975.

SPINRAD, W. Charisma: A Blighted Concept and an Alternative Formula. *Political Science Quartely*, v.106, n.2, 1991.

TENBRUCK, F. H. The Problem of Thematic Unity in the Works of Max Weber. *The British Journal of sociology*, v.31, n.3, p.313-51, 1980.

1000 QUE FIZERAM o século 20. *Isto é*, São Paulo, 1995.

TUCKMAN, B. The Impersonal Teacher Model. *Educational Forum*, v.2, s.d.

UDI, S. H. Bureacracy and 'Rationality'in Weber's Organization Theory: An Empirical Study. *American Sociological Review*, v.24, n.6, 1959.

WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais*. (Coletânea) Tradução Augustin Wernet. São Paulo: Cortez & Ed.Unicamp, 1992. v.2

_____. *Economia y Sociedad*. 7 reeimpressão da tradução espanhola de J. M. Echavarría *et al*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.